

Capítulo 2

O feminino na floresta e na gestão

Ana Margarida Castro Euler



Introdução

As mulheres estão dispostas a esperar 300 anos para que mulheres e homens tenham os mesmos direitos e oportunidades? Esse cenário apontado pela ONU Mulheres gera reflexão e compromisso ético para com as novas e futuras gerações.

Aos cinquenta anos, a engenheira florestal, pesquisadora e gestora pública, Ana Euler afirma com convicção: as oportunidades e dificuldades não são iguais para todas as mulheres. A desigualdade de gênero ainda atravessa carreiras, territórios e classes sociais, afetando principalmente àquelas em situações de maior vulnerabilidade. Por isso, quando uma mulher consegue chegar ao topo, ela não deve estar sozinha - é seu dever ético e social compartilhar sua experiência, abrir caminhos, apoiar e gerar novas oportunidades para outras mulheres. Avançar individualmente é importante, mas promover o avanço coletivo é essencial para transformar realidades e construir um futuro mais justo e igualitário.

Desafios e oportunidades

Na cidade ou na floresta, uma atuação firme pela redução das desigualdades é premissa para o alcance do desenvolvimento sustentável. Igualdade de acesso à qualificação profissional, relação justa da atividade doméstica, acesso aos meios de produção e autonomia para escolha no desenvolvimento das atividades produtivas. Se as mulheres tivessem o mesmo acesso aos recursos que os homens, a produção de alimentos poderia aumentar de 20% a 30%, reduzindo a fome no mundo em até 17% (FAO, 2011).

Um estudo do Projeto Amazônia 2030 revela que as mulheres da Amazônia Legal enfrentam desafios ainda mais profundos no mercado de trabalho em comparação com outras regiões do País (Gonzaga; Cavalcanti, 2022). Apesar de apresentarem níveis de escolaridade mais elevados, elas têm menor participação no mercado, enfrentam taxas mais altas de desemprego e estão mais frequentemente em ocupações informais, sem carteira assinada.

Diante desse cenário, a educação desponta como uma importante ferramenta de transformação social. De acordo com Katiane Lopes, uma liderança feminina parceira da Embrapa na comunidade do Livramento, situada em uma ilha na foz do Rio Amazonas: “A educação é fundamental, torna a pessoa mais ativa, questionadora. Com a internet, é possível estudar à distância; com a energia, pode-se estudar de madrugada. Só a educação pode mudar ou transformar um lugar ou uma sociedade.”

Quando Ana Euler assumiu a Diretoria-Executiva de Inovação, Negócios e Transferência de Tecnologia (DINT) da Embrapa, trouxe consigo essa convicção e a certeza de que o papel de uma instituição pública de pesquisa vai além da inovação tecnológica. É, também,

promover a inclusão socioproductiva e digital daqueles que produzem alimento e modos de vida singulares no campo, nas florestas e nas águas.

Nos últimos anos, a Embrapa avançou de forma concreta na construção, na articulação e na institucionalização de uma agenda em prol das Mulheres Rurais. O Observatório de Mulheres Rurais da Embrapa é um exemplo. É uma ferramenta estratégica que agrupa em um espaço virtual, mapas de realidades e dados no intuito de possibilitar o acesso às informações de relevantes ações de pesquisa, desenvolvimento e inovação social que contam com participação de mulheres. Destaque para a Coleção Mulheres Rurais, um conjunto de publicações que descrevem experiências de mulheres rurais com culturas como pracaxi, macaúba, algodão orgânico, entre outras. Esse Observatório foi criado com o objetivo principal de preencher a lacuna, existente no País, sobre informações relacionadas às atividades produtivas das mulheres rurais e que possam subsidiar políticas públicas com base em evidências. Ele rompe com uma lógica histórica de apagamento e mostra, com destaque, o que muitas já sabiam: que as mulheres rurais sustentam a agricultura familiar, conservam a agrobiodiversidade brasileira e os modos de vida tradicionais, lideram experiências agroecológicas e são protagonistas na produção de alimentos saudáveis.

Mais do que observar, também é preciso agir. Por isso, foi lançado o programa de pesquisa, desenvolvimento e inovação intitulado Mulheres Rurais Produtoras do Bem Viver. Seu propósito é ampliar a geração e a oferta de informações, experiências, conhecimentos e tecnologias, construindo, em conjunto com as mulheres rurais, capacitações, intercâmbios, acesso à informação e à inovação, respeitando os saberes tradicionais e fortalecendo a autonomia econômica e social das participantes. Em comunidades do Semiárido, do Cerrado, da Amazônia e do Sul do País, já são observados os frutos desse trabalho em forma de cooperativas, produtos certificados, feiras agroecológicas e redes de apoio entre mulheres. Porém, há muito para ser feito ainda. O Programa Mulheres Rurais Produtoras do Bem Viver é parte de uma estratégia mais ampla, construída com a escuta ativa de pesquisadoras, analistas, técnicas, gestoras, representantes dos movimentos sociais e efetivamente com as mulheres rurais nos territórios. Uma Embrapa que quer permanecer relevante para o Brasil precisa refletir a pluralidade do País a que serve. E isso passa, necessariamente, pela equidade de gênero dentro e fora da instituição.

Considerações finais

A pesquisadora Ana Euler tem o privilégio e a honra de compor a primeira diretoria majoritariamente feminina da Embrapa. E, ao lado de outras mulheres inspiradoras, seguem trabalhando para que cada agricultora, extrativista, indígena, quilombola, pesquisadora, analista, técnica, assistente, gestora e liderança dos movimentos sociais sintam que sua trajetória é digna de reconhecimento e investimento. Para que as meninas que hoje crescem no campo possam sonhar alto, sabendo que têm aliadas dentro da ciência.

Referências

GONZAGA, G.; CAVALCANTI, F. **Desigualdades no mercado de trabalho por gênero**: evidências para a Amazônia Legal. Belém, PA: Amazônia 2030, 2022. 35 p.

FAO. **The role of women in agriculture**: closing the gender gap for development. Rome, 2011. 49 p. (FAO. ESA Working Paper, 11-02).